

L 18107 / 2006

# INSPETORIA SALESIANA DE SÃO PAULO

Colégio São Joaquim - Centro Únisan - Pós-noviciado

*Pe. Júlio Comba*

*Carta  
mortuária*



*Eu vivo, mas na verdade  
não sou eu que vivo.  
É Cristo que vive em mim.  
(Gálatas 2,20)*

*Arquivo*

**F**ui diretor, por vários anos, do Pe. Júlio Comba. Convivi com sua obediência absoluta e irrestrita acolhendo tudo que dele se solicitava; cada mês pude ver sua humildade ao colocar-se no meu escritório pedindo que eu apontasse seus defeitos para que pudesse melhorar. Verifiquei sua pobreza ao não dispor sequer de dez centavos para si passando para a comunidade sua aposentadoria e tudo que recebia. Mensalmente, era passada para suas mãos uma quantia em dinheiro para suas atividades de caridade. Verifiquei seu incontido zelo pastoral nunca se poupando pelo povo e pela Igreja. Às vezes, quando estava confessando no Santuário, São Benedito, chegava após o jantar. Recolhia, então, o que restava, sem abrir a geladeira e sem nada pedir.

Pude ver de perto sua fidelidade amorosa à vida de oração. Era nessa atitude de relacionamento com Deus que vivia o dia todo passando muitas vezes pela capela. O boa noite semanal para os formandos era sempre repleto de ufanismo. Não conseguia falar de Dom Bosco e da Congregação sem paixão.

Esse foi o irmão com o qual nossa comunidade religiosa conviveu nestes últimos dez anos. No dia do seu sepultamento eu disse no testemunho: *não me perguntam do que padre Júlio gostava. Eu não saberia responder. Só sei que ele gostava de Deus. Como uma bússola se volta teimosamente para o norte, assim ele estava sempre voltado para Deus.* Somente nos últimos 15 dias, Pe. Júlio sentiu-se desfalecer. Pela primeira vez solicitou-me para não sair da cama, pois não conseguiria andar. Disse-me ele uma vez: *estou me preparando para a morte. Reze por mim e peça que eu faça a vontade de Deus até o fim.*

Pela tradição salesiana, o diretor redige a carta mortuária. Pedi, porém, ao Pe. Mário Bonatti, que assumisse esta tarefa de traçar para nossa família o perfil de um grande salesiano e homem de Deus.

Padre Dílson Passos Júnior  
Diretor

**F**aleceu, dia 18 de julho de 2006, em Lorena, o Pe. Júlio Comba com 84 anos de idade. A missa de despedida foi uma verdadeira consagração do padre bom que sempre atendia a todos com carinho. Uma grande multidão esteve presente na vigília e na missa presidida pelo bispo diocesano, D. Benedito Beni, acompanhado de mais de 30 sacerdotes salesianos e diocesanos.

Sobre o Pe. Júlio recebemos, dos irmãos salesianos que o conheceram, muitas dezenas de e-mails com informações, dados e opiniões, algumas emocionadas. O material está sendo aproveitado para esta carta mortuária, sem citar sempre a fonte. São documentos importantes que serão guardados no Centro Salesiano de Documentação de Lorena (CEDOC), no Centro Inspetorial de São Paulo e no Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa de Barbacena, MG. Recolhemos, além disso, todos os escritos, correspondências, conferências e anotações pessoais, cartas de admoestação, conselhos e cartas carinhosas do Pe. Júlio a seus familiares e amigos, que sistematicamente se correspondiam com ele.

Não é fácil falar de uma personalidade tão rica e complexa como a do Pe. Júlio Comba. Queremos, porém, prestar-lhe esta homenagem, deixar escrita a memória de sua vida e valorizar a preciosa tradição salesiana da carta mortuária, que conserva viva a memória dos irmãos que fizeram a história que hoje vivemos.

Pe. Júlio Comba nasceu no dia 27 de fevereiro de 1922, no município de Frossasco, província de Turim, região do Piemonte, Itália. Era, pois, como Dom Bosco, piemontês. São seus pais Rocco Comba e Giuseppina Rosa. Manteve sempre um carinhoso relacionamento com seus familiares, através de correspondência, embora com poucas visitas.

Chegou ao Brasil em 27 de janeiro de 1938. Fez o noviciado em São Paulo, no Ipiranga, a primeira profissão religiosa em 31 de janeiro de 1939 e a profissão perpétua a 12 de janeiro de 1945. Foi ordenado sacerdote em São Paulo no dia 8 de dezembro de 1948. Fez o curso filosófico e o tirocínio em Lavrinhas. No último ano do curso de Filosofia, foi também assistente e professor.

Como sacerdote, ele exerceu seu ministério em Lavrinhas, de 1949 a 1958. De 1958 a 1960 foi diretor no pós-noviciado em Lorena. De 1960 a 1962, foi mestre de noviços em Pindamonhangaba. Após mais um ano em Lavrinhas, voltou a Lorena como diretor do pós-noviciado e da Faculdade Salesiana por 6 anos, no período de 1963 a 1969. De 1969 a 1975 foi novamente mestre de noviços em Pindamonhangaba. Após mais dois anos como diretor em Lorena (1975-1977), iniciou um longo período como pároco, primeiro em Americana (1977-1982), na paróquia São João Bosco; depois em São Paulo – Lapa, de 1982 a 1984, para onde retornou, no mesmo cargo, de 1987 até 1995, após 3 anos como vigário em São Carlos (1984-1987). Foi conselheiro inspetorial duas vezes: em 1966 até 1968 e de 1973 a 1976. Na década de 60 esteve, por um breve período, fora da inspetoria estudando, na Inglaterra e em Roma. Em 1995, voltou a Lorena como professor e confessor, aqui permanecendo até a data de sua morte, 18 de julho de 2006.

Era professor de Latim, Grego, Matemática e Filosofia. Em sua longa vida foi, sobretudo, formador dos jovens salesianos, professor, diretor de escola, pároco e confessor.

O *homem* Pe. Júlio Comba possuía boa constituição física e era, como Dom Bosco, um grande trabalhador, escrupuloso no uso do tempo, também nas férias. Levantava-se muito cedo para a récita do brevíario, desde as matinas até as completas, depois das 22h. Viveu e morreu trabalhando. Até o final do primeiro semestre deste ano, com 84 anos de idade, fez questão cerrada de dar aulas de Latim aos seminaristas da Canção Nova e aos pré-noviços desta casa, em Lorena.

Pe. Júlio era um homem de vasta cultura e um grande leitor. Selecionava suas leituras dentro do critério de sua missão. Não só não recusava trabalho, mas quando não tinha, procurava ocupar-se no ministério sacerdotal confessando, celebrando, visitando os doentes, atendendo as pessoas que o procuravam e, até, apagando luzes da casa. Literalmente morreu sem estar parado, no percurso que fez do seu leito ao hospital, onde chegou já sem vida. Demonstrou a cada passo, a alegria de viver e de ser salesiano, nunca se cansando no trabalho pelos jovens e pelo povo que lhe queria muito bem.

Tinha uma personalidade forte, de caráter insistente sempre que achava importante certas atividades e atitudes. Um casal leigo, que conheceu o Pe. Júlio no Alto da Lapa, em São Paulo, destaca sua personalidade vibrante e entusiasmada, além de sua competência como pastor e conselheiro espiritual. Quando necessário era um homem de pulso, de disciplina, às vezes inflexível diante da observância religiosa, do dever a ser cumprido.

Era muito exato em tudo que fazia, mas não parece que foi neuroticamente perfeccionista pois, se errava, percebia-se que ficava sentido, mas não perdia a paz e a serenidade. Muito reservado por temperamento, sobretudo em manifestar seus sentimentos, comunicava-se bem com todos. Sorria, mas não dava risadas. Era sereno, quase imperturbável. *Niente ti turbi* parecia ser nele uma constante de vida. Era educado, finíssimo no trato com todos, incapaz de ofender alguém. Sabia estimular e elogiar com absoluta sinceridade, recordando, às vezes, fatos passados que mereciam ser lembrados. Repetia com freqüência: *coragem, macte animo*. Nada queria para si, nada pedia e nada recusava. Sabia agradecer. O seu freqüente *obrigado, muito obrigado*, vinha do fundo de seu coração generoso.

Todos sentiam-se valorizados e carinhosamente amados pelo Pe. Júlio. Se achava que devia avisar alguém, fazia isto com delicadeza e um cuidado especial para não ofender. Em geral nem falava que discordava, mas todos percebiam que pensava diferente. Nunca foi ouvido fazendo críticas a quem quer que fosse. Lembrava com freqüência as expressões de Dom Pedro Ricaldone: *fazer o bem a todos, falar bem de todos, pensar bem de todos*. Se necessário desviaiva o assunto quando alguém fazia algum comentário de crítica. Podia-se ter outra opinião diferente da dele, mas se não concordava, não dizia nem sim nem não mas percebia-se bem sua opinião que respeitava o pensamento do outro e vivia pessoalmente a coerência com as coisas nas quais acreditava.

De inteligência excepcional, formação clássica invejável, colocada a serviço da missão, de gentileza e trato incomparáveis, frutos da autêntica caridade, assim era o Pe. Júlio Comba, uma pessoa rica de dotes, naturalmente

brilhante em tudo que fazia. Era muito querido, admirado por aquilo que era e também pelo seu saber. Duas turmas de formatura de Curso de Filosofia o escolheram como patrono em 2006 e 2007.

Alguém retratou assim o jovem tirocinante, Júlio Comba como assistente em Lavrinhas: *um seminarista habitualmente brilhante, sempre presente, como o sol, modesto, respeitoso, reto, exigente e justo, entusiasta e estimulador*. Dom Irineu Danelon, bispo salesiano de Lins, definiu-o como *humano, sábio, otimista, acolhedor*.

Italiano de nascimento, era um perfeito cidadão brasileiro. O Brasil era, com certeza, sua segunda pátria, que amava como o melhor cidadão brasileiro. Gostava de comentar o progresso que atingiu o Brasil nos últimos anos.

Se há um lugar onde o Pe. Júlio manifestou sua vocação de salesiano batalhador cheio de tenacidade, foi na produção de livros, sobretudo de textos didáticos para o ensino do Latim. Isto ele fez por obediência, a pedido de seus superiores, trabalhando sobretudo durante as férias. Retomou, assim, uma antiga tradição dos salesianos do Brasil de criar seus próprios textos de aula para suas escolas, além de revistas e outras obras educacionais.

Vocação de todo salesiano é ser *educador* dos jovens, educar evangelizando e evangelizar educando. Como escritor de obras didáticas, partindo de uma apostila feita para suas aulas, o Pe. Júlio Comba escreveu uma série de livros para o ensino do Latim: *Gymnasium e Programa de Latim*, este em 2 volumes, hoje com 19 edições; o primeiro era uma introdução à língua latina e o segundo uma introdução aos clássicos latinos. Sua *Gramática Latina* e o *Programa de Latim* são textos ainda usados nos seminários e nas universidades onde há o curso de Letras, no Brasil. Um detalhe extraordinário desses trabalhos é que os exemplos que ilustram as normas gramaticais são retirados dos autores clássicos latinos, sempre com a devida citação.

Ao lado dos textos citados, Pe. Júlio escreveu também: *Eutrópio, Fedro e Caesars*, para exercício dos iniciantes de Latim e as *Exercitationes latinae* para os estudantes mais avançados. No ensino de línguas escreveu também *Língua italiana* que

é, ainda hoje, editada e utilizada em cursos de italiano. São quase 300 páginas de textos recheados de gramática para ensinar a língua com diálogos vindos de assuntos atuais, citações documentadas de autores italianos, provérbios, textos literários. A obra termina com um pequeno dicionário, um índice analítico e um índice geral. Na verdade, trata-se de uma gramática de língua, exposta em ordem didática, como se fazia no passado para ensinar uma língua. O texto, porém, é um monumento de cultura e sabedoria. Em 1990 escreveu, em parceria com Brasílio Marajá (Pe. Antonio Lages) e o Pe. Luiz Garcia de Oliveira, o livro *Salesiano Coadjutor*.

Onde apareceu toda a cultura e capacidade de pesquisa do Pe. Júlio Comba, foi na tradução dos *Hinos do Breviário Romano* com comentários históricos - litúrgico – gramaticais. O texto é uma das pérolas da produção "combaniana" que lhe exigiu anos de pesquisa e paciente trabalho para colocar em português os hinos litúrgicos da Igreja até então existentes apenas em Latim.

Um incidente histórico - a queda do Latim como língua oficial da Igreja e a supressão do ensino desta língua nas escolas do Brasil - fez perder quase toda a importância e o sucesso do esforço deste grande mestre para o ensino e a compreensão da língua latina e, assim, sua produção de livros quase estancou. De qualquer forma, por tudo o que fez e demonstrou saber, o Pe. Júlio Comba está certamente entre os maiores latinistas do Brasil, ao lado do Pe. João Ravizza, salesiano, seu inspirador.

O Pe. Luiz Alves de Lima, mestre de Catequética, que conviveu muitos anos com o Pe. Júlio, lembra também o trabalho gigantesco que ele realizou, auxiliando na revisão e tradução do texto original latino do *Catecismo da Igreja Católica* ao qual fez mais de 50 páginas de exaustivas observações à tradução brasileira, sugerindo melhores e mais fiéis fórmulas para expressar, em nossa língua, a doutrina da fé. Este trabalho foi enviado aos editores que o incorporaram às edições seguintes.

Pe. Júlio tinha um especial pendor para as línguas. Falava fluentemente o Italiano, o Português e o Latim, além do Inglês, do Francês e do Espanhol; dominava o Grego. Foi tradutor

oficial e oficioso de muitos dos documentos da Congregação Salesiana.

Como **salesiano** viveu, a exemplo de Dom Bosco, intensamente seu ideal de educador. Conhecia profundamente a vida de Dom Bosco, a história salesiana e os grandes documentos da congregação e da Igraja, que utilizava na formação dos aspirantes, noviços e jovens salesianos com os quais trabalhou. Conta-se que, em Lavrinhas, em 1938, quando lá chegaram os novos salesianos vindos do noviciado, o inspetor, Pe. André Dell'Occa, teria perguntado aos aspirantes qual deles se parecia mais com Dóm Bosco. Os meninos apontaram o pós-noviço Júlio.

Todo o Brasil salesiano, sobretudo a inspetoria de São Paulo, deve muito ao trabalho do Pe. Júlio Comba como professor, diretor, mestre de noviços e confessor. Durante mais de 25 anos trabalhou em casas de formação. Em Lorena, foi formador também de gerações de jovens salesianos de outras inspetorias, de Mato Grosso, do Amazonas, Sul do Brasil, Nordeste e Paraguai.

O Brasil perde um dos seus grandes salesianos tanto pelo significado de sua intensa vida espiritual e comunitária, sua presença atenta e sábia nos eventos, como na formação de várias gerações de salesianos.

O Pe. Júlio viveu com radicalidade sua vida de compromisso como salesiano pobre, casto e obediente. Era extremamente *pobre* na sua pessoa, na roupa que usava até o exagero de os salesianos serem obrigados a esconder as roupas velhas e surradas que ele mandava costurar para continuar usando. Nada guardava para si, tudo entregava ao seu diretor: ofertas, presentes, espórtulas de missas e aposentadoria. Dizia que na congregação nada lhe faltava. Por isso nada pedia nem guardava. Era desapegado totalmente dos bens materiais e de tudo o que não tinha ligação com o reino de Deus. A vivência da *castidade* no Pe. Júlio era notada. Delicadíssimo, mas muito amoroso para com todos. Reservado ao extremo, sem nenhum tipo de manifestação afetiva externa, todos percebiam nele um homem afetuoso para com todos, sem distinções. A *obediência* religiosa era nele extrema: nada pedir e nada recusar era seu modo de ser, à disposição de todos

dentro do plano de Deus, fazendo sua vontade. A voz do "superior" era para ele a voz de Deus em sua vida. Repetia, às vezes, a frase célebre que foi o lema do papa João XXIII: *obedientia et pax, obediência e paz*. Pe. Júlio começou a obedecer ao médico quando alguém lhe disse que essa era ordem do Superior.

Ele foi um bom salesiano que falava pelo seu exemplo e pelo testemunho vivo. *Ele me ensinou como ser santo*, disse um ex-salesiano. Todos os depoimentos deixados após sua morte, falam dele como um *salesiano 100%, fiel a Dom Bosco e à sua missão, um grande exemplo de salesiano, um digno filho de Dom Bosco*. Um ex-aluno do aspirantado de Lavrinhas, escreve: *guardei sempre do Pe. Comba uma gratidão infinda pelo quanto me proporcionou de aprendizagem e edificação... Era de maneiras atenciosas. Tinha um ritmo de vida religiosa intensa e fiel. Era modesto diante de seus empreendimentos intelectuais e pastorais. A gente inferia de sua atitude que parecia praticar a recomendação evangélica do "servi inutiles sumus", somos servos inúteis. Fizemos apenas o nosso dever.*

Vivia a salesianidade na prática e contínua referência a Dom Bosco, a Nossa Senhora Auxiliadora e aos superiores da Congregação. Lia com alegria os documentos e as notícias da congregação e da Igreja. Ninguém esquecerá seu otimismo salesiano e a valorização de cada pequeno gesto ou evento dos irmãos e o testemunho de uma vida vivida em profundidade, seu amor sem medidas para com a congregação e a Igreja.

Um aspecto característico do Salesiano Pe. Júlio era sua preocupação em despertar novas vocações, trabalho que realizou durante toda a vida. Nas confissões, sobretudo, não se cansava de convidar os jovens, rapazes e moças, para o seguimento mais radical de Jesus Cristo, quando percebia que havia neles, sinais de generosidade para isto. Percebendo a falta de evangelização nos jovens, quando era mestre de noviços em Pindamonhangaba (1969-1975), fundou o movimento *Alicerce*, uma pastoral de *encontro de jovens* que existe até hoje na cidade, após mais de 30 anos, tendo sempre os jovens como protagonistas.

Acompanhava com interesse as estatísticas dos salesianos em formação, tanto no Brasil, como no mundo. Quando ouvia falar da saída ou de escândalo de alguém, sobretudo quando se tratava de salesianos perpétuos ou de sacerdotes, sempre dizia: *que tristeza, que desastre!*

Foi na vivência como *sacerdote* que apareceu todo esplendor de sua vida. Tinha como lema sacerdotal *servir à unidade no vínculo da paz*. Homem de profunda paz, viveu intensamente sua vida sacerdotal, sobretudo na pastoral dos sacramentos, nas missas, nas confissões e unções dos enfermos, sempre disponível, o dia inteiro, sem se poupar. Estava, sempre, como o bom pastor, a serviço das ovelhas. Via as necessidades, as carências das pessoas e se entregava totalmente, dando a vida por elas.

Como Dom Bosco, Pe. Júlio foi um verdadeiro apóstolo das confissões, atendendo diariamente no Santuário São Benedito, anexo à Casa Salesiana e aos doentes na Santa Casa de Misericórdia de Lorena. Após as missas que celebrava avisava sempre que estava disponível às confissões. Dizia que confessar não o cansava.

Durante 10 anos, de 1996 a 2006, Pe. Júlio foi capelão da Santa Casa de Misericórdia de Lorena. Não havia quem o impedisse de celebrar a missa e de atender aos doentes todos os dias, às vezes ele mesmo doente, com febre, pressão alta, fortes dores de cabeça, sérios problemas circulatórios. Não adiantava dizer, relata a Irmã salesiana, M. Glória Castanheira, que não precisava vir quando não se sentisse bem. Respondia sorrindo à irmã: *o que quer mais? São mais de 80 anos que pesam.* Às vezes aceitava passar pelo médico. *Sim, dizia à irmã, mas depois de atender aos doentes.* Preocupava-se também com os funcionários da Santa Casa, sempre elogiando o trabalho e os serviços que prestavam. Como Dom Bosco, viveu profundamente o lema, *Deus nos colocou nesse mundo para os outros.*

Uma face a ressaltar, na vida do sacerdote salesiano Pe. Júlio, é a sua **santidade** evidente, sua maneira de ser santo, um verdadeiro homem de Deus. Tudo nele, como uma bússola, era orientado para Deus. Desde pequeno escolheu ser missionário, deixando tudo por Cristo. Cristo era,

realmente, o centro, o eixo de sua vida. Dele podia se dizer o que disse São Paulo: *eu vivo, mas na verdade não sou que vivo. E Cristo que vive em mim* (Gal 2, 20).

Era um homem de oração e silêncio. Rezava com prazer. Fiel à meditação e às demais práticas da piedade salesiana, rezava diariamente todo o breviário, estando cedo na capela. Rezava com uma devoção visível que os fiéis notavam.

A virtude que mais define a qualidade de vida deste homem é a sua *fidelidade*. Ele era realmente fiel a Deus e aos homens. Só quem é generoso é fiel. Abraçando a vontade de Deus como direção de sua vida, todo o resto era para ele secundário.

Agradecia cada pequeno gesto com um *obrigado! Muito obrigado! Quanta bondade! Quanta gentileza!* Foi um homem que descobriu a força da gratidão. Não se cansava de agradecer a Deus pela vida, pela vocação religiosa salesiana e sacerdotal e pelos numerosos amigos que foi conquistando ao longo de sua existência, disse um salesiano que conviveu com ele.

Quem o viu assim a vida inteira, não duvida da santidade do Pe. Júlio Comba. É a afirmação mais comum nos depoimentos de salesianos e fiéis. Santidade é a vivência radical do seguimento de Jesus, servindo a Deus e ao próximo, sacrificando-se, dando a vida pelos outros. Um ex-salesiano escreveu: *ele me ensinou as coisas da santidade*. Realmente vivia, como se visse o invisível. São Tiago diz que quem não peca pela língua, é santo (Tg 1,26).

Mais de uma pessoa afirmou que Pe. Júlio viveu as virtudes cristãs em grau heróico e que, portanto, pode-se introduzir a causa de canonização.

A maneira de ser santo do Pe. Júlio era especial, do tipo de Dom Rua e do Pe. Rodolfo Komorek.

Dom Hilário Moser assim escreve: *Pessoalmente considero o Pe. Júlio Comba um santo. Seu "modo" de ser santo, é claro, foi muito próprio. É bom lembrar, porém, que, nos santos, o que Deus mais aprecia é a constância e a fidelidade em retomar cada dia o caminho, deixando-se conduzir pelo Espírito Santificador. O caminho seguido pelo Pe. Júlio foi o das Constituições e dos Regulamentos, um pouco como o Beato Miguel Rua. Hoje, isso*

pode parecer demasiado formal. Entretanto, é preciso muito amor a Deus e ao próximo para ser fiel às Constituições: afinal, elas são a síntese salesiana do Evangelho... Alguém duvidaria que o Pe. Júlio pôs todo seu empenho em amar a Deus e aos irmãos? Os que conviveram com ele bem conhecem tantos pequenos e grandes gestos de amor que teceram sua vida de ponta a ponta. Tenho certeza: entre os "santos" da nossa Inspetoria agora está também o Pe. Júlio.

Pessoalmente, Pe. Júlio era um grande penitente e mortificado. Rigoroso consigo e bondoso com os outros. Só Deus era importante para ele. Nunca se queixava. Ninguém poderia adivinhar seus sofrimentos, sobretudo nos últimos anos de vida: dores de cabeça contínuas, circulação deficiente, um coração abalado. Se alguém perguntasse como estava, respondia invariavelmente: *estou bem*. Andava muito de um local para outro, sempre com uma pesada bolsa a tira-colo, onde levava o breviário, a túnica, a estola, o livro das bênçãos, o livro das exequias e outros pertences.

Era bom e compreensível com todos e muito enérgico consigo mesmo. Internado no hospital, disse uma vez ao médico: *preciso voltar logo. As pessoas me esperam*.

Como todo o homem, também o homem padre Júlio tinha suas **deficiências** incrustadas em seu temperamento. Não seria completa a visão de sua vida sem este lado humano que ressalta, como contraste, suas extraordinárias qualidades naturais e sobrenaturais. Assim acontece com todos os santos.

Até seu inabalável e repetido entusiasmo, usando sempre as mesmas expressões, todos os dias, toda vez que encontrava alguém, sobretudo em sua velhice, podiam criar nos outros certa estranheza, certamente involuntária, mas vinham do fundo do coração.

Pe. Júlio era imutável, impenetrável até. Jamais esboçava sua opinião pessoal. Devíamos a cada dia interpretar como estava passando, sofrendo por questões de saúde. Ninguém sabia se ele precisava de alguma coisa ou como estava passando, incapaz de alternâncias como sentir tristeza e alegria, entusiasmo ou decepção. Para ele era só "alegria", "coragem".

Pe. Júlio era conservador em tudo. É verdade que, em muitas coisas, precisamos todos ser conservadores e críticos diante das novidades, como quando se trata de valores evangélicos, tradições cristãs perenes, espírito salesiano, mas o Pe. Júlio guardava e observava tudo sem excessão. Havia nele arraigado um sentido de homem conservador, escrupuloso até. Sofria com as mudanças. Recentemente houve a fusão, durante seus anos, da comunidade salesiana do Colégio São Joaquim e do Centro Unisal, com a comunidade formadora do pré e pós-noviciado. As mudanças não eram poucas, com vantagens e desvantagens. Mudanças de ambientes, de quartos, de escritórios, de atividades, de funções e estratégias pastorais. Sabíamos que o Pe. Júlio era contra a união e sofria secretamente. Observava todas as normas e rubricas do missal ao pé da letra, como era costume antes do Concilio Ecumênico Vaticano II.

É preciso, porém, conhecer bem o Pe. Júlio Comba conservador. O Pe. Antônio da Silva Ferreira, que conviveu muitos anos com ele, assim o recorda e assim se expressa a respeito: *Conservador o Pe. Júlio Comba? Na grande crise de renovação da igreja e da congregação, podia parecer que o Pe. Júlio era conservador. Nada menos verídico. Era uma pessoa sensata e equilibrada, sobretudo deixava-se guiar sempre pela sua consciência. Quando se convencia que era necessária uma mudança para que a igreja e a congregação vivessem a missão de maneira mais eficaz nos tempos atuais, não havia o que pudesse impedi-lo de promover essa mudança, mesmo que às vezes não fosse muito de acordo com o seu gênio e com sua maneira de viver. Cito somente um exemplo, embora muito se devesse falar do tempo em que foi diretor dos pós-noviços (em Lorena). Quando se tratava da fundação de Itaquera, o assunto não era nada pacífico na inspetoria. A resistência das escolas a que se tomasse o rumo das obras sociais era muito forte. No capítulo inspetorial, então, para evitar choques inúteis, à noite, depois de encerrados os trabalhos, os salesianos interessados no assunto se reuniam. Em geral eram os jovens, desejosos de algo novo que traduzisse os novos ideais que brotavam na congregação. Qual não foi minha surpresa ao ver comparecer sempre o Pe. Júlio, homem de escola e sempre grande defensor da escola na inspetoria. Tinha-se convencido de que se devia acolher também o novo rumo que se*

*queria dar às obras da inspetoria, e para isso deu sempre a sua colaboração.*

Toda a formação salesiana e eclesiástica do Pe. Júlio é anterior ao Concílio Vaticano II. Diante das grandes novidades trazidas pelo concílio, estudou os documentos e tentou a síntese possível do novo com o velho, para não ferir as sábias tradições do passado, sobretudo no campo da formação das novas gerações de salesianos. Sofreu muitíssimo com os desequilíbrios trazidos pelas várias interpretações dos documentos do grande evento eclesial que foi o concílio.

O testemunho do Pe. Luís G. Piccoli, atual mestre de noviços de Angola e Moçambique que foi seu inspetor no Brasil, pode sintetizar este esboço biográfico e servir de desfecho para esta carta mortuária.

*Diz ele: Quando recebi a notícia do falecimento do Pe. Júlio Comba, não pude conter-me e chorei. Foram várias pessoas ao mesmo tempo que me escreveram dando-me a notícia. Essas pessoas sabiam o quanto eu amava o Pe. Júlio Comba e o quanto ele amava a mim também. Já nos havíamos encontrado em 1962 no meu último ano como aspirante, em Lavrinhas, onde, para além do mais, foi meu excelente professor de Italiano; ele gostava de nos ensinar a língua de Dom Bosco e da Congregação, e ficava entusiasmado em ver o interesse e o progresso dos seus alunos. Depois, fomos nos encontrar em 1966 até 1968 em Lorena, quando fiz o Pós-noviciado com os estudos de Filosofia, e não só. Pe. Júlio Comba era o novo Director da Comunidade, com mais de 88 Pós-noviços vindos das Inspectorias de Porto Alegre, Amazônia, Mato Grosso, Recife e São Paulo. Tempos difíceis para a vida do Pe. Júlio Comba. Interessa-me recordar apenas duas situações históricas: em primeiro lugar, o emblemático ano de 1968 e as movimentações dos universitários no mundo, e, como não poderia deixar de ser, também os universitários em Lorena; para agravar ainda mais a situação, vivíamos tempos difíceis da ditadura militar em posse do poder no Brasil; em segundo lugar, recordar os tempos e momentos difíceis do imediato Pós-Concílio Vaticano II e as primeiras aplicações das reformas e aberturas. Deus e, certamente, poucos amigos mais íntimos, puderam conhecer e avaliar os sofrimentos vividos pelo querido Pe. Júlio Comba. Valeu-lhe a Graça de Deus na vivência das*

*virtudes teologais da Fé, da Esperança e da Caridade, que ele soube viver em grau acima do comum. Por outro lado, distinguia-se sempre pelo seu espírito de otimismo, alegria, seriedade no cumprimento dos seus deveres; reconhecido pela sua inteligência brilhante e elevado grau de cultura requintada e direcionada; cultor primoroso das línguas: latim, grego, italiano, português, e não só. Nunca se viu o Pe. Júlio Comba gastar tempo em coisas secundárias, comprovando no seu dia-a-dia, que era iluminado e guiado por um projecto pessoal de vida claro, determinado, objectivo. Um Salesiano inteiramente interessado e dedicado pela formação dos vocacionados e dos jovens salesianos. Acompanhava com atenção e sofrimento os salesianos "em crise" e sofria profundamente quando noviços e salesianos, principalmente sacerdotes e coadjutores perpétuos, tomavam outros rumos na vida. Sempre e inteiramente dedicado à direcção e orientação espiritual e vocacional, e de modo particular nos últimos anos da sua vida, totalmente a serviço do ministério sacerdotal do sacramento da penitência e da direcção espiritual. O espírito de penitência e de ascese pessoal, a vivência dos conselhos evangélicos da pobreza, castidade e obediência, vivência convicta, permeada do divino e do sobrenatural, o seu espírito de oração e de intimidade com Deus, o seu amor a Nossa Senhora Auxiliadora, a Dom Bosco, aos Santos da Família Salesiana, o seu amor pelos jovens, o seu espírito de laboriosidade, a sua experiência diária de vida sobrenatural, formam-lhe uma coroa de "servo bom e fiel" chamado a participar da plenitude da Vida, na comunhão com Deus. Não sem sentido, anos atrás pude admirar uma tela na qual estava retratado o Pároco Pe. Júlio Comba, com uma disfarçada auréola em torno da sua pessoa. Um dos tantos sinais de reconhecimento de que ele era um santo, um amado.*

Queremos encerrar com as palavras do salmista: *O justo crescerá como a palmeira... e mesmo na velhice dará frutos, (Sl 91,15).* Assim foi o Padre Júlio. Passou pela vida fazendo o bem, de mansinho, oculto dos holofotes e dos palcos, onde sua vida deveria estar como exemplo.

Deixa a todos a mensagem viva do exemplo de Jesus Cristo de amar até o fim, até a cruz, como Dom Bosco, que disse ter prometido a Deus que até seu último suspiro seria para os queridos jovens seus e como João Paulo II que, antes

de morrer, quis dar a bênção de despedida ao povo da praça, sem conseguir.

Assim foi o Padre Júlio: uma vida inteira dedicada ao Senhor, esquecendo-se de si mesmo, trabalhando como religioso salesiano, como sacerdote, como educador, professor, diretor, pároco, confessor; até o fim rezando, abençoando, confessando, visitando os doentes, orando pelos falecidos, até cair sem poder mais levantar-se para abençoar e consolar. Realmente, o amor não se cansa. Ele foi, como afirmam as constituições salesianas, *um dom do Senhor*, uma bênção para as comunidades que o receberam e para o povo de Deus.

Rezemos por ele e podemos pedir a Deus por intermédio dele.

Peçamos também por esta casa de Lorena, pelos milhares de alunos de suas escolas, pelos oratorianos e alunos das obras sociais, e pelos pós-noviços e pré-noviços que aqui se preparam para a vida salesiana.

Lorena, 31 de janeiro de 2007.  
Dia de Dom Bosco

Pe. Mário Bonatti  
[pemario@lo.unisal.br](mailto:pemario@lo.unisal.br)

## DADOS PARA O NECROLÓGIO

### Pe. Júlio Comba

Nascido em Frossasco, Turim, Itália, dia 27 de fevereiro de 1922.

Falecido em Lorena, São Paulo, Brasil, dia 18 de julho de 2006, com 84 anos, 67 de profissão e 57 de sacerdócio.

